

Nietzsche e a Filosofia

Renato Almeida Molina¹

Polyana Cíndia Olini²

Silas Borges Monteiro³

Universidade Federal de Mato Grosso

DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução: Antônio M. Magalhães. Portugal: Rés, 1987.

Este talvez pareça um daqueles livros que, de início, tratam da história da filosofia. O título – um tanto monográfico – oferece a impressão inicial de um autor, neste caso Gilles Deleuze (1925-95), apresentando o pensamento de outro, neste caso Friederich Nietzsche (1844-1900). O primeiro alerta se faz necessário: o que é apresentado é o movimento que Deleuze faz com o pensamento de Nietzsche. O livro original do ano de 1962 é marcado por uma tentativa de Deleuze em reconstruir a filosofia de Nietzsche, apresentando esta de modo “resolutamente antidialético”⁴. Outra característica original apresentada na leitura feita pelo filósofo francês é a ênfase marcada no binômio estruturalista “ativo e reativo”, conceitos não tão evidentes na obra de Nietzsche. Antes de passar à análise do pensamento que Deleuze faz sobre aquilo que ele chama de projeto filosófico de Nietzsche, mais uma ressalva se faz necessária: este não é um texto de filosofia ética ou prescritiva; não apresenta um modo, receita ou sistema de se viver a vida. Retrata, isto sim, alguns dos elementos presentes na decadência do humano.

Sem rodeios, o autor apresenta de imediato o projeto geral de Nietzsche: introduzir em filosofia os conceitos de sentido e de valor. Esse investimento é necessário para a aproximação com o conceito de genealogia,

¹ Psicólogo pela Universidade de Cuiabá; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, na linha de pesquisa Cultura, Memória e Teorias em Educação; Integrante do Grupo de Estudos em Didática, Filosofia e Formação do Educador. Endereço para correspondências: Rua Geraldo Deschamps de Almeida, 147, Jardim Petrópolis, Cuiabá, MT, 78070-130 (renatomol@yahoo.com.br).

² Pedagoga pela Universidade Federal de Mato Grosso; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, na linha de pesquisa Cultura, Memória e Teorias em Educação; Bolsista CAPES; Integrante do Grupo de Estudos em Didática, Filosofia e Formação do Educador. Endereço para correspondências: Av. Dr. Hélio Ribeiro, 165, Jd. Eldorado, Ed. Portal de Cuiabá, Apto. 30, Cuiabá, MT, 78048-250 (polyanaolini@gmail.com).

³ Filósofo; Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo; Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação; Adjunto do Departamento de Teorias e Fundamentos da Educação do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso; Coordenador do Grupo de Estudos em Didática, Filosofia e Formação do Educador. Endereço para correspondências: Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, sala 32, Av. Fernando Correia da Costa s/n, Coxipó. Cuiabá, MT, 78060-900 (silas@terra.com.br).

⁴ Marton. *Nietzsche, seus leitores e suas leituras*. São Paulo: Barcelona, 2010, p.38.

que quer dizer simultaneamente valor de origem e origem dos valores. É somente sobre estes que a verdadeira crítica pode ser elaborada. Talvez aqui resida verdadeira realização da crítica, a crítica total, o fazer filosofia. De acordo com Deleuze, é isto o que Nietzsche espera da concepção de genealogia: uma nova organização das ciências, uma nova organização da filosofia, uma determinação dos valores do futuro. É um combate à sintomatologia apresentada pelas ciências e pela filosofia, ao modo como estas forças se apropriam da realidade. A atuação das forças é um elemento crucial para o entendimento da obra. Deleuze alerta que este conceito em Nietzsche diz respeito ao modo como uma força se relaciona com outra força, sendo, neste caso, chamada de vontade. A vontade de potência é o elemento diferencial da força. A vontade de potência não existe fora das forças. As relações obtidas a partir de então se dão sempre sobre uma força dominante e uma dominada, uma vontade que submete e a outra que é submissa. Há uma hierarquia de forças e esta se constitui, para Deleuze, como problemática na filosofia nietzschiana. A hierarquia é o fato originário, a identidade da diferença e da origem. Estão postos os subsídios para a apresentação enfática do movimento antidialético. Em Nietzsche uma força não nega a outra, ela se faz obedecer, afirma sua diferença. Isso é o que quer uma vontade: afirmar sua diferença. Essa é a força que agride, mas não nega sua opositora. A diferença da afirmação reside no prazer, no gozo, na dança, na leveza. É a contrapartida da negação dialética, de sua gravidade, de seu trabalho. A postura antidialética, por sua vez, estabelece a postura que permite a compreensão da origem da tragédia. No centro desta origem encontra-se Dionísio, apresentado como o deus afirmativo e afirmador. Dionísio é aqui o deus que afirma a vida, é aquele para quem a vida tem de ser afirmada, mas não justificada nem resgatada, afinal, para ele, a vida é essencialmente justa. Dionísio faz oposição a Apolo, a Sócrates e a Cristo: ao contrário destes, ele não sofre com o empobrecimento da vida. É importante que se diga: esta oposição não é dialética, mas sim uma oposição à própria dialética. Eis a essência de Dionísio e, portanto, do trágico: a afirmação múltipla ou pluralista, aquelas que fazem de tudo um objeto de afirmação. Ensina-nos a aceitar e afirmar o acaso, a dançar e desenvolver o instinto de jogo, a reafirmar o acaso, a lidar com o eterno retorno. Eis o trágico para Nietzsche: a alegria da afirmação da vida com todas as suas nuances.

No segundo capítulo Deleuze se ocupa em apresentar o modo como às forças atuam. Para compreender o duelo entre as forças, no entanto, é preciso primeiramente chamar à consciência a humildade, o que define as forças como presentes no corpo. Qualquer *relação* de forças constitui um corpo o que também torna o corpo um fruto do acaso, é múltiplo e composto por uma série de forças irredutíveis. A distinção das forças é apresentada: reativas (inferiores, subordinadas) e ativas (superiores, dominantes). Ativo e reativo são as qualidades das forças.

Qualidades estas que só podem ser medidas a partir de sua diferença de quantidade, que corresponde a cada força em relação. Novamente surge o acaso como uma forma de afirmar a relação existente entre todas as forças, suas quantidades são partes concretas do acaso, afirmativas deste e do eterno retorno. Que fique o alerta: o equilíbrio das forças não é possível. Não há uma meta ou estado final, se houvesse, provavelmente já teria sido atingida. Assim é fundamentado o eterno retorno. Desse modo, não é o ser quem retorna, mas o próprio retornar é que constitui o ser. O que retorna? As forças. Quais forças? As forças ativas e reativas. A volta das forças é sem sentido aparente, as mesmas forças de outrora se combinam e assim retornam. Ambas as forças são dotadas de um querer. Dessa forma, tudo retorna, pois o mundo é uma proporção de forças. A vontade potência não é mundo, é a vida. Eis então o elemento genealógico da força, seu elemento diferencial, da diferença de quantidade entre as duas ou mais forças em relação. Na retomada do objetivo geral da filosofia nietzschiana, é na vontade de potência, enquanto elemento genealógico, é que pode ser encontrada aquilo de que derivam a significação do sentido e o valor dos valores. Todo o duelo das forças reside na esfera dos valores, apresenta-se o modo como forças reativas retornam e superam as forças ativas ao afastarem-nas daquilo o que podem. Estabelece-se a vontade de nada, o niilismo, a decadência.

Ao falar sobre o modo como Nietzsche opera a crítica, Deleuze examina o modo como a predominância de conceitos reativos, passivos e negativos contamina a ciência; ressalta o esforço para interpretar os fenômenos a partir das forças ativas. Desta forma, as relações entre as forças ativas podem ser interpretadas a partir de três formas: sintomatologia, que procura identificar os sintomas e que precisa ser procurado nas forças que os produzem; tipologia, que interpreta as forças por suas qualidades, ativas ou reativas; e a genealogia, que procura identificar a origem das forças. A importância da investigação das forças ativas encontra-se em uma busca por sua essência, descoberta na força que nela se exprime. Desse modo, a essência é sempre o sentido e o valor. E assim se faz a questão trágica: Quem? A interrogação clássica grega, “o que é”, é transvalorada. Essa é a questão que ecoará por todas as coisas e sobre todas as coisas. De acordo com Deleuze, este tipo de questão estabelece o método de Nietzsche: relaciona-se um conceito com a vontade de potência para assim localizar um sintoma de uma vontade sem a qual este conceito não poderia sequer ser pensado. Instaura-se aqui uma filosofia da vontade, a reformulação dos sentidos e dos valores da metafísica.

Os produtos de um triunfo das forças reativas sobre as ativas são apresentadas no capítulo seguinte: ressentimento e má consciência. A força reativa supera a ativa quando a reação impera sobre a ação, impedindo-a. O ressentimento é uma reação, a sensibilidade em relação aquilo o que deixa de ser agido,

a força separada daquilo o que ela pode. Separada daquilo o que pode, a força não desaparece, volta-se contra si, causa dor. A dor da interiorização da força: a má consciência. Esta, por sua vez, em seu sentido interno e íntimo transforma-se em pecado, culpa.

No último capítulo a apresentação da proposta final: a transvaloração de valores. Não uma mudança de valores, mas uma mudança no elemento do qual deriva o valor dos valores. É apenas nesta mudança na origem dos valores é que todos aqueles que dele dependem podem ser destruídos. Os valores que são destruídos? Todos aqueles conhecidos até o momento. Aqui está delimitado o ponto de transvaloração dos valores, a filosofia dos sentidos e dos valores em Nietzsche quer fundar os valores a partir de novas bases, fundá-los na vida, libertando-os da metafísica.

Talvez nem todos os pontos apresentados por Deleuze em seu livro sejam propriamente nietzschianos, o que certamente exigirá do leitor um aprofundamento na obra do filósofo alemão. Não resta dúvida que neste aspecto o livro de Deleuze é extremamente fértil: direciona as forças do leitor para a obra de Nietzsche. É certo que Deleuze se mostra um leitor criativo de Nietzsche e o apresenta a seu modo (de Deleuze): como um clássico. É ainda mais certo que Nietzsche não é um clássico, é extemporâneo.